

ESTUDOS DE TELEVISÃO NO BRASIL: UMA ABORDAGEM DE AUTORES/AS E TEORIAS

TELEVISION STUDIES IN BRAZIL: AN AUTHORS AND THEORIES APPROACH

Paula Guimarães Simões*

Vera Regina Veiga França**

Ana Karina Oliveira***

Laura Antônio Lima****

Lucas Afonso Sepulveda*****

Lívia Barroso*****

Maria Lúcia Afonso*****

Suzana Cunha Lopes*****

Maíra Lobato*****

Paulo Basílio*****

Clara Bontempo*****

Samuel Pereira*****

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG). Doutora em Comunicação Social pela UFMG. paulaguimaraessimoes@yahoo.com.br

** Professora do PPGCOM/UFMG. Doutora em Ciências Sociais pela Université Paris-V-René-Descartes. veravfranca@yahoo.com.br

*** Doutoranda no PPGCOM/UFMG. anakarina.akco@gmail.com

**** Mestra pelo PPGCOM/UFMG. lauraantoniolima@gmail.com

***** Doutorando no PPGCOM/UFMG. afonsepuv@gmail.com

***** Professora da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Doutora pelo PPGCOM/UFMG. liviabarroso89@gmail.com

***** Mestranda no PPGCOM/UFMG. malu91@gmail.com

***** Doutora pelo PPGCOM/UFMG. suzanaclopes@gmail.com

***** Mestra pelo PPGCOM/UFMG. mairalobatomoura@gmail.com

***** Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PPGCOM/PUC Minas). paulobasilio28@gmail.com

***** Bolsista de Iniciação Científica na UFMG (Fapemig). claralbt@gmail.com

***** Bolsista de Iniciação Científica na UFMG (CNPq). sasilveirap@gmail.com

RESUMO:

O artigo tem por objetivo mapear autoras/es e teorias utilizados como referência por pesquisadoras/es da área de Televisão no Brasil. O corpus selecionado inclui 67 artigos da Compós durante o período de 2006 a 2015, coletados dos grupos de trabalho Fotografia, Cinema e vídeo; Mídia e entretenimento; Produção de sentido na mídia, além de Estudos de televisão. Essa incursão específica faz parte de uma pesquisa mais ampla que almeja identificar as teorias contemporâneas que dão base ao campo da Comunicação no país. A análise destaca dois eixos centrais nos estudos de TV: um primeiro que aponta para perspectivas teóricas centradas na linguagem, e um segundo, para abordagens preocupadas com a dimensão social da TV.

PALAVRAS-CHAVE: Teorias da comunicação, epistemologias da comunicação, televisão.

ABSTRACT

The aim of this article is to identify authors and theories used as reference by researchers in the area of Television in Brazil. The selected corpus included 67 papers from Compós during ten years (2006-2015), collected from the Working Groups Photography, Cinema and Video; Media and entertainment; Production of meaning in the media and Television Studies. This specific incursion is part of a broader research that seeks to identify the contemporary theories that underlie the field of Communication studies in Brazil. The analysis highlights two central dimensions in TV studies: a first that points out to theoretical perspectives focused on language, and a second which refers to approaches concerned with the social dimension of TV.

KEYWORDS: Theories of Communication, epistemology of Communication, Television Studies.

INTRODUÇÃO

Os estudos de televisão, assim como acontece com outras áreas temáticas no campo da comunicação, surgem e se desenvolvem a partir da contribuição de pensadores/as de áreas variadas das ciências humanas e sociais. Em seus primórdios, estavam inscritos seja na perspectiva crítica da Escola de Frankfurt e sob a égide do conceito de indústria cultural - e aqui a televisão é entendida como um meio de reprodução da dominação -, seja na tradição da Mass Communication Research e dos estudos funcionalistas americanos. Algum tempo depois, os Estudos Culturais, na Inglaterra, trouxeram contribuições significativas para refletir sobre a televisão, com destaque para a reflexão de Raymond Williams. A combinação de metodologias, com influências da semiótica estruturalista

e da etnografia, possibilitou novas abordagens da televisão que levavam em conta o contexto histórico-social e as dinâmicas culturais (ROCHA, 2011), assim como outro entendimento dos processos produtivos do circuito comunicativo, conforme Stuart Hall.

A televisão chega ao Brasil na década de 1950, concomitantemente ao declínio do período da era de ouro do rádio (de 1930 a 1950), mas “este veículo só passou a ser objeto de estudo acadêmico a partir da década de 1960, quando as primeiras pesquisas, analisando o conteúdo de sua programação e seus efeitos sociais, começaram a ser realizadas” (MATTOS, 1990, p. 22). Tratando dos estudos de televisão no Brasil, Sérgio Mattos divide os trabalhos que se preocupam com o aspecto social da TV em duas linhas principais: os estudos de recepção e os estudos de gênero.

É difícil encontrar um caminho coeso ou uma linha única seguida pelos/as estudiosos/as de televisão, “seus estudos se caracterizam por abordagens distintas e pouco confluentes” (FRANÇA, 2006, p. 13). Pode-se, no entanto, registrar ainda a autora, identificar três tendências: estudos sobre a relação entre televisão e sociedade; estudos sobre a técnica e a linguagem; e estudos sobre programas específicos.

Apesar da diversidade e da quantidade de trabalhos explorando os mais variados aspectos da mídia televisiva (produção, técnica, história, produtos etc.), esta temática foi desvalorizada pelo campo, como aponta Freire Filho (2004, p. 202): “a academia começa, felizmente, a despertar para ausências e fragilidades elementares no conhecimento existente sobre a televisão, buscando compreensão mais sólida de seu passado e de seu desenvolvimento social e cultural”. Nos últimos anos, o número de estudos foi se ampliando, consolidando o lugar da TV como objeto de análise no campo da comunicação no Brasil. Um desses indicadores foi a criação de um Grupo de Trabalho (GT) exclusivo sobre a temática no encontro anual da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) a partir de 2011, além de outros eventos e publicações que discutem o tema.

Neste artigo, e tomando como referência exatamente os trabalhos apresentados nos encontros anuais da Compós, nosso objetivo é identificar as fontes teóricas que alimentam as reflexões dos/as pesquisadores/as brasileiros sobre a televisão. Este estudo faz parte de uma pesquisa mais ampla que pretende mapear as teorias e autores/as que fundamentam o pensamento científico do campo da Comunicação no Brasil atualmente¹. Recortando as diferentes áreas temáticas que compõem o panorama geral das pesquisas em Comunicação e que se agrupam em GTs específicos da Compós, buscamos

identificar, a partir dos trabalhos apresentados num período de dez anos (2006-2015), o/as autores/as e obras mais citados/as e por quais pesquisadores/as e instituições, de forma a delinear seus fundamentos teóricos².

Apresentamos a seguir os resultados da pesquisa para os Estudos de televisão. Diferentemente de outras áreas temáticas, que contam com um GT do mesmo nome há muitos anos (como Comunicação e política, Comunicação e cultura), o GT de Estudos de televisão é recente. Para compor nosso corpus de dez anos, coletamos os artigos apresentados no referido GT no período 2011-2015 e artigos que tratavam da televisão nos seguintes GTs: Fotografia, cinema e vídeo; Mídia e entretenimento; e Produção de sentido na mídia.

METODOLOGIA E RESULTADOS QUANTITATIVOS

Um dos maiores desafios deste projeto é a grande quantidade e diversidade de dados que vêm exigindo permanente adequação de nossa metodologia.

Como já indicado acima, nosso corpus de análise foram os artigos publicados nos encontros anuais da Compós entre 2006 e 2015 sobre a temática. A escolha da Compós se justifica por sua vinculação aos programas de pós-graduação (e, portanto, à pesquisa ali desenvolvida), o que a torna um dos lugares reconhecidos no campo e legitimados pelos pares. O filtro de dez trabalhos por ano em cada GT nos indica o que de mais relevante está sendo pesquisado na área, ou pelo menos, mais reconhecido como trabalhos de qualidade.

A coleta se organizou da seguinte maneira: foram coletados todos os artigos do GT Estudos de televisão nos cinco encontros realizados de 2011-2015, totalizando 50 trabalhos. De 2006 a 2010, fizemos a coleta nos GTs acima citados, encontrando o seguinte resultado:

Quadro 1: Identificação dos GTs da Compós dos quais coletamos artigos

Ano	GT	Quantidade de artigos
2006	Produção de sentidos na mídia	4
2007	Mídia e entretenimento	4
2008	Mídia e entretenimento	1
2009	Mídia e entretenimento	3
2010	Mídia e entretenimento	3
	Fotografia, cinema e vídeo	2

Fonte: Dados da pesquisa.

A coleta totalizou, assim, um corpus de 67 artigos. Extraímos informações desses textos (como ano de publicação, nome dos autores e obras citadas) e as organizamos numa planilha. A sistematização descritiva dos dados, utilizando o software estatístico Stata, apresentou os seguintes resultados:

- quantidade total de artigos = 67;
- quantidade de pesquisadores/as (autores/as dos artigos) = 57;
- quantidade de autores/as referencia = 694;
- autores/as brasileiros/as: 266 (38,3%);
- autores/as estrangeiros: 428 (61,7%);
- autores/as membros dos GTs: 26;
- proporção entre estrangeiros/as e brasileiros/as = 1,6.

O ranking dos autores mais citados está apresentado no quadro abaixo:

Quadro 2: Dez autores/as mais referenciados/as nos trabalhos da Compós – área de Estudos da televisão (2006-2015)

No	Nome	Frequência das referências	Brasileiro/a	Instituição dos autores/as
1	JOST, François	38	Não	Universidade Sorbonne Nouvelle
2	MACHADO, Arlindo	26	Sim	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/Universidade de São Paulo
3	MARTÍN-BARBERO, Jesús	25	Não	Universidade do Valle
4	WILLIAMS, Raymond	17	Não	Universidade de Cambridge
5	JENKINS, Henry	13	Não	Universidade do Sul da Califórnia
6	MITTEL, Jason	12	Não	Middlebury College
7	ECO, Umberto	11	Não	Universidade de Bolonha
8	GREIMAS, Algirdas	11	Não	Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais
9	FONTANILLE, Jacques	9	Não	Universidade de Limoges
10	VERÓN, Eliseo	9	Não	Universidade Buenos Aires

Fonte: Dados da pesquisa.

Nos casos de empate, o critério de desempate utilizado foi a quantidade de artigos diferentes do GT que citam cada autor, considerando que a distribuição entre textos diferentes aponta para uma descentralização temporal e/ou institucional em relação ao uso do/a autor/a.

A seguir, apresentamos as obras mais citadas.

Quadro 3: Obras mais citadas pelos trabalhos da Compós na área Estudos da televisão (2006-2015)

Nº	Obra	Autor/a	Frequência das referências
1	A televisão levada a sério	MACHADO, Arlindo	13
3	Seis lições sobre televisão	JOST, François	10
4	Cultura da convergência	JENKINS, Henry	8
5	La télévision du quotidien: entre réalité et fiction	JOST, François	8
6	Comprendre la télévision	JOST, François	6
7	Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva	MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán	6
8	Significação e visualidade: exercícios práticos	FONTANILLE, Jacques	6
9	Introduction à l'analyse de la télévision	JOST, François	5
10	Storytelling in film and television	THOMPSON, Kristin	5

Fonte: Dados da pesquisa.

Na segunda parte da análise, tentamos perceber como cada autor do ranking é apreendido na área temática através da leitura dos 67 artigos que compõem o corpus. Em seguida, buscamos identificar, nas obras mais citadas do/as autores/as mais citados/as, as questões centrais trabalhadas pelo/a autor/a. Para a escolha das obras a serem analisadas mais detidamente, tomamos como parâmetro a frequência da citação na totalidade do corpus. Este critério, no entanto, teve que sofrer adaptações, já que há uma variação muito grande entre o número de citações de uma obra e outra, do número de obras mais citadas ou das obras de um e outro autor. Dessa maneira, não foi possível estabelecer um número fixo como piso para a seleção. Se uma obra tem muitas citações, ou seja, a frequência é alta (nove citações, por exemplo), não temos dúvidas de que será analisada na seção qualitativa. Mas, no caso de um número pequeno de citações e de obras de um mesmo autor com número igual ou muito próximo de citações, a escolha de qual ou quais seriam analisadas foi feita levando em consideração a forma como elas foram citadas (sua maior ou menor relevância na discussão empreendida pelo artigo).

Apresentamos abaixo um quadro com os principais resultados quantitativos, os quais serão discutidos e analisados nas seções posteriores³.

AUTOR/A CITADO/A	N° DE CITAÇÕES	N° DE OBRAS CITADAS	N° DE ARTIGOS EM QUE SÃO CITADOS/AS	N° DE PESQUISADORES/AS QUE CITAM	N° DE INSTITUIÇÕES QUE CITAM
Jost	38	9	20	14	9
Machado	26	11	21	20	15
Barbero	25	9	18	20	14
Williams	17	9	10	8	6
Jenkins	13	6	11	12	9
Mittell	12	4	10	8	6
Eco	11	10	9	11	7
Greimas	11	4	8	3	5
Fontanille	9	3	9	3	4
Verón	9	4	7	8	5

Fonte: Dados da pesquisa.

À construção desses dados se seguiu a parte qualitativa do processo, com a análise dos autores do ranking, suas obras mais citadas e como os/as pesquisadores/as da área articulam seu pensamento em seus artigos apresentados na Compós.

AUTORES E PERSPECTIVAS CONVOCADAS

FRANÇOIS JOST

François Jost (1949-) é o primeiro autor do ranking: são 38 citações em 20 diferentes artigos. Professor emérito da Universidade Paris III e diretor do Centro de Estudos em Imagens e Sons de Mídia, Jost teve nove obras referenciadas ao longo dos dez anos, sendo que três concentram maior número de citações: *Seis lições sobre televisão*, com dez; *Compreender a televisão*, com nove; e *La télévision du quotidien: entre réalité et fiction*, com oito.

Em *Seis lições sobre televisão* (2004), a comunicação televisual é examinada por Jost (2004, p. 6) “do ponto de vista das relações entre produção/recepção, gêneros e formatos de programas, presentes na grade de programação das emissoras”. O conceito de promessa é apresentado pelo autor, em substituição à noção de contrato, que é criticada por Jost a partir de Umberto Eco e Algirdas Greimas (sétimo e oitavo autores mais citados no ranking, respectivamente), corroborando o conceito de “co-construção de sentido” do primeiro e desaprovando o de “contrato social” do segundo. No pensamento de Jost, promessa é objeto de uma aprendizagem (aceitar/rejeitar a promessa

em função daquilo que está sendo prometido). Ao mesmo tempo, é um jogo com a ambiguidade e a obscuridade de não se saber ao certo o que esperar/interpretar de determinado programa.

Outro conceito importante apresentado na obra é o de gênero, definido como “uma moeda de troca que regula a circulação dos textos ou dos programas audiovisuais no mundo midiático” (Ibid., p. 27), discutindo ainda funções das promessas de gênero e fronteiras entre os gêneros. Do conceito de gênero deriva o de *mundos televisivos* e as noções de ficção e realidade, trabalhadas por Jost nos capítulos finais do livro.

Em *Compreender a televisão* (2007), Jost parte do ponto de vista do telespectador e o desafia a compreender a mídia televisiva a partir da realidade em que vive. O autor resgata a historicidade da televisão, destaca sua dimensão midiática, bem como as especificidades e linguagens características do meio; trata da questão dos gêneros televisivos a partir de seu conceito de mundos (real, fictício e lúdico); fala também sobre a programação televisiva e sua relação com a temporalidade real e com a vida do espectador.

La télévision du quotidien: entre réalité et fiction (2001) faz uma genealogia dos reality show e é citada oito vezes, mas aparece apenas nas referências bibliográficas dos artigos.

ARLINDO MACHADO

Arlindo Machado (1949-) é referenciado 26 vezes, com 11 obras citadas em 21 textos. Professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), Machado é o único autor brasileiro do ranking dos Estudos de televisão. Sua obra mais citada - a primeira no ranking geral de obras mais citadas - é o livro *A televisão levada a sério* (2000), com 13 menções. Entre os autores que compõem o ranking dos mais citados da área, Machado cita, em suas obras, Jesús Martín-Barbero, Raymond Williams e Umberto Eco.

Em *A televisão levada a sério*, o autor argumenta que “existe também vida inteligente na televisão” (MACHADO, 2000, p. 10) e que se deve considerar o potencial desse meio para a constituição da cultura contemporânea. Sua discussão se distingue tanto de abordagens que consideram a televisão como invariavelmente “má” (como a desenvolvida por Theodor Adorno) quanto das que a entendem como essencialmente “boa” (como a de Marshall McLuhan). Ele sugere uma abordagem valorativa da TV, buscando

analisar a qualidade dos programas e a diversidade do acervo televisivo produzido por uma sociedade. Nesta linha, Machado produz uma compilação das 30 obras (de vários gêneros e produzidas em diversos países) consideradas por ele as mais importantes da história da televisão. Ainda que se trate de uma seleção parcial e casual, como o próprio autor destaca, ela cumpre o objetivo de compor um repertório básico do meio.

JESÚS MARTÍN-BARBERO

Martín-Barbero (1937-) é o terceiro autor mais citado, com 25 citações em 18 artigos diferentes. Professor emérito da Universidade do Valle (em Cáli), com título Honoris Causa de várias outras instituições, o autor teve nove obras referenciadas pelos/as autores/as brasileiros/as, sendo os livros *Dos meios às mediações* e *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva* as obras de maior destaque, com dez e seis citações, respectivamente.

Em *Dos meios às mediações* (publicado em 1986 e traduzido para o português em 1997), Martín-Barbero sugere o deslocamento proposto no título da obra, atentando para elementos que interferem na interação entre produção e recepção dos discursos televisivos. Com isso, ele se distancia da visão de comunicação presente tanto na Escola Americana quanto na Escola de Frankfurt, aproximando-se de autores como Umberto Eco e Raymond Williams. Partindo dessa perspectiva, ele analisa a televisão na América Latina, identificando três mediações que proveem seu funcionamento enquanto meio e informam a maneira como os receptores leem seus conteúdos: a *cotidianidade familiar*, a *temporalidade social* e a *competência cultural*.

Em *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva* (2001), Martín-Barbero e Germán Rey analisam as consequências do poder da televisão no imaginário popular, dialogando com as contribuições de Eliseo Verón, Arlindo Machado e (novamente) Eco. Houve uma mudança nos modos de ver, constatam os autores, impulsionada não só por um ecossistema de comunicação complexo e robusto, mas também por uma lógica de descentramento, consequência das múltiplas temporalidades existentes na modernidade periférica típica do continente latino-americano. A partir daí, detectam um tipo de mal-estar cultural, gerado desde a formação escolar e que recairia sobre a constituição da cidadania dos jovens. Os autores identificam ainda duas novas funções democráticas na televisão enquanto ator político: o controle político e a fiscalização.

Por fim, Martín-Barbero e Rey diagnosticam uma crise dos gêneros narrativos, motivada pela hegemonia audiovisual, a qual oferece uma leitura do presente através dos formatos da indústria cultural e de formas tradicionais de contar enfraquecidas que conectam o passado ao futuro. A televisão, portanto, passa a não mais conectar as massas ao Estado político, mas ao mercado.

RAYMOND WILLIAMS

Raymond Williams (1921-1988) foi referenciado 17 vezes, em dez textos, e teve nove obras citadas pelos pesquisadores dos GTs analisados. Professor de dramaturgia na Universidade de Cambridge e figura importante da chamada “Nova esquerda britânica”, Williams é considerado um dos fundadores dos Estudos Culturais britânicos. Suas obras mais referenciadas foram: *Television: technology and cultural form*, com quatro citações; *Marxismo e literatura*, com três; *Base e superestrutura na teoria da cultura marxista* e *Cultura* com duas citações cada.

Na obra *Television: technology and cultural form* (publicada em 1974 e traduzida para o português em 2016), Williams propõe pensar a TV a partir dos dois eixos presentes no título: como tecnologia - resultado de invenções técnicas para atender a demandas sociais, políticas e econômicas na primeira metade do século XX; e como forma cultural - tendo herdado e integrado atividades culturais anteriores, construindo a TV como um meio híbrido e complexo. A partir dessa abordagem, Williams introduz o conceito de *fluxo* como a experiência central da televisão: ele diz respeito ao conjunto de unidades diferentes que se misturam e interpenetram na configuração do texto televisivo.

Em *Marxismo e literatura* (publicado em 1977 e traduzido para o português em 1979), o autor resgata contribuições da teoria marxista, adotando a perspectiva do *materalismo cultural* para analisar a cultura não como uma esfera autônoma, mas como um processo produtivo material e social, onde significados e valores emergem de determinadas formações sociais. Assim, revisitando conceitos básicos da literatura e do marxismo (cultura, linguagem, ideologia, hegemonia, base e superestrutura, entre outros), ele inscreve a cultura em uma esfera de produção (e não apenas de reprodução).

Conforme realçado em outras obras (*Base e superestrutura na teoria da cultura marxista*, *Cultura*, entre outras), Williams resgata o conceito de hegemonia, proposto por Gramsci, como ferramenta central para explicar as forças dominantes de uma cultura,

e destaca sua visão de cultura como um *sistema de significações* através do qual “uma dada ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada” (WILLIAMS, 1981, p. 13). A sociologia da cultura, reforça o autor, deve desenvolver análises tanto das instituições e das formações culturais quanto das relações entre estas e os meios materiais de produção cultural e as formas culturais concretas.

HENRY JENKINS

Henry Jenkins (1958-) é o quinto autor mais referenciado, citado 13 vezes em 11 artigos. Professor da Universidade do Sul da Califórnia, esteve à frente do programa de Estudos de Mídia Comparada do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, entre 1993 e 2009. Seis obras do autor e uma de que é coautor com John Tulloch foram referenciadas no corpus. Dentre elas, *Cultura da convergência* tem oito citações, enquanto as outras possuem apenas uma citação cada.

Cultura da convergência (publicado em 2006 e traduzido para o português em 2008) trata do processo de articulação entre os meios de comunicação e as transformações por eles provocadas, especialmente em sua incidência na cultura popular americana. Para o autor, essas transformações devem ser pensadas em termos do impacto na relação entre públicos, produtores e conteúdos de mídia. Jenkins analisa produções midiáticas de entretenimento bem-sucedidas, como séries de TV, filmes e livros ou franquias.

Processo de convergência, conceito central utilizado pelo autor, se refere “ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação” (JENKINS, 2008, p. 29). Conceitos como interação e cognição norteiam sua teoria, contrabalançando o peso da técnica, do “meio como mensagem”. A ideia de cultura participativa e sua relação com o processo de convergência tensionam o paradigma canônico da comunicação, na medida em que colocam o receptor como alguém que produz, de modo que o consumo é visto como um processo não passivo, mas associado a uma produção coletiva de significados.

JASON MITTEL

Jason Mittell (1970-) é referenciado 12 vezes, com quatro obras citadas em dez textos, ocupando o sexto lugar no ranking. Professor de Cinema e Cultura de Mídia e Estudos

Americanos em Middlebury College, sua obra mais citada é *Genre and television: from cops shows to cartoons in American culture*, com quatro menções. As obras *A cultural approach to television genre theory* e *Narrative complexity in contemporary American television* aparecem em seguida, ambas com três menções cada uma.

Em *Genre and television: from cops shows to cartoons in American culture* (2004), Mittell apresenta um novo entendimento dos gêneros televisivos, através de categorias culturais, e explora cinco aspectos-chave do gênero de televisão: história, indústria, público, texto e mixagem de gênero. Com isto, ele procura delinear um novo modelo de historiografia de gênero, além de mostrar como os gêneros estão presentes em quase todas as esferas televisivas e defender análises do gênero televisivo enquanto prática cultural.

A obra *A cultural approach to television genre theory* (2001) também é dedicada à discussão sobre os gêneros televisivos, enfatizando a necessidade de se pensar as suas especificidades (em comparação com o cinema e a literatura, por exemplo). Partindo da ideia de que os gêneros são categorias culturais, Mittell destaca que eles ultrapassam os limites dos textos midiáticos, operando na indústria, na audiência e nas práticas culturais.

Em *Narrative complexity in contemporary American television* (publicado em 2006 e traduzido para o português em 2012), Mittell discute as práticas de *storytelling* da televisão americana contemporânea como uma narrativa complexa que se distingue das formas episódicas e seriadas que são muito marcantes na TV dos EUA, explorando as particularidades nos modos de fruição e de compreensão de programas narrativamente complexos. Para tanto, Mittell convoca a narratologia formal em diálogo com outros métodos para apreender “como este modelo narrativo se cruza com os campos das indústrias criativas, das inovações tecnológicas, das práticas participatórias e da compreensão dos espectadores” (MITTEL, 2012, p. 50).

UMBERTO ECO

Umberto Eco (1932-2016) é o sétimo autor mais referenciado (11 citações), sendo citadas nove obras suas em nove artigos. Foi professor emérito da Universidade de Bolonha, tendo trabalhado também em universidades como Yale, Cambridge, Harvard, Oxford e Columbia. De suas obras referenciadas, destacam-se duas: “Tevê: a transparência

perdida” e *Lector in fabula*. Ambas referências são citadas duas vezes cada pelos pesquisadores. Trata-se, portanto, de uma incursão mais horizontal na obra do autor.

Em “Tevê: a transparência perdida” (capítulo do livro *Viagem na irrealidade cotidiana*, cuja primeira edição data de 1973), Eco faz uma comparação entre o que ele chama de *paleotevê* e *neotevê*. A *paleotevê* pode ser entendida como um estágio anterior da televisão, em que ela se coloca como um agente transmissivo: a televisão mostra a realidade, os fatos, com menos cortes e intromissões do meio televisivo; o ficcional e o conteúdo jornalístico não se misturam. Na *neotevê*, por sua vez, a televisão gerencia e arquiteta eventos tendo em vista sua transmissão, como casamentos reais e eventos esportivos. Poderíamos resumir que, na *paleotevê*, a televisão seria uma “janela para o mundo”; na *neotevê*, “a TV é o mundo”.

Já o livro *Lector in fabula* (1979) trata principalmente de como os textos podem ser interpretados de diferentes formas, conforme a experiência do leitor. Para Eco, os textos são incompletos e reticentes, cabendo ao leitor completá-los de sentido; é necessário mais do que apenas o código linguístico para interpretar um enunciado. É preciso que um autor, no momento de produzir o texto, tenha em mente aquilo que chama de “leitor-modelo” e suas possíveis interpretações semióticas sobre aquele texto. Portanto, a experiência, os modos de pensar e de viver, os costumes, os hábitos, a cultura influenciam na forma como as pessoas leem e interpretam textos.

ALGIRDAS GREIMAS

Algirdas J. Greimas (1917-1992), linguista lituano de origem russa, tem quatro obras diferentes citadas em oito artigos da área temática, somando 11 citações. Um dos fundadores da Escola de Semiótica de Paris, ele lecionou em cidades como Alexandria, Ancara e Istambul. Suas obras mais citadas são o livro *Sobre o sentido: ensaios semióticos* e o *Dicionário de semiótica*, este em coautoria com Joseph Courtés, ambos com três citações.

Sobre o sentido: ensaios semióticos (publicado em 1970 e traduzido para o português em 1975) une uma série de textos escritos pelo autor em diferentes momentos. O ponto comum entre os ensaios é a busca pelo sentido, o complexo objeto da semiótica. No “mundo significante”, o sentido é quase natural, mas, no nível abstrato, o falar sobre o sentido é um desafio antigo cuja dificuldade se instala na metalinguagem: ao mesmo

tempo que o sentido do sentido só pode ser alcançado por meio de um pensamento metalinguístico, o próprio meio (a metalinguagem) não oferece a distância e a objetividade necessárias para a construção de “discursos desprovidos de significados sobre discursos significantes” (GREIMAS, 1975, p. 7).

O *Dicionário de semiótica* (publicado em 1979 e traduzido para o português em 1989) é apresentado pelos autores como um projeto que visa retomar e atualizar algumas reflexões acerca da linguagem para dar ao campo da semiótica “a forma de uma teoria coerente” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 1). Como qualquer dicionário, o livro oferece uma compilação, em ordem alfabética, de definições de termos fundamentais ao estudo da semiótica.

A questão fundamental do autor no conjunto de suas obras diz respeito a uma incansável busca pelo sentido e por métodos para encontrá-lo, bem como pela experiência estética concreta e sensorial que diz da relação entre o sujeito e o mundo. Assim, o sentido de que Greimas fala não é o sentido do texto, mas um sentido existencial e teleológico que pode ser percebido esteticamente a partir da literatura.

JACQUES FONTANILLE

Jacques Fontanille (1948-) é o nono colocado no ranking da área de Estudos de televisão, citado nove vezes em nove artigos diferentes. Professor de Semiótica e Linguística na Universidade de Limoges (França), ele tem três livros citados uma vez: *Semiótica do discurso* (1998); *Sémiotique du visible - des mondes de lumière* (1995) e *Semiótica das paixões* (1993), este último em coautoria com Greimas, o oitavo do ranking. A obra mais citada é *Significação e visualidade: exercícios práticos* (2005), com seis menções por Elizabeth Bastos Duarte, que é uma das tradutoras da obra na edição brasileira. Esta obra apresenta as reflexões mais recentes do autor em relação à comunicação visual, partindo da semiótica discursiva e incluindo vários exemplos de análise de textos televisivos.

ELISEO VERÓN

Eliseo Verón (1935-2014) é referenciado nove vezes, com quatro obras citadas em sete textos diferentes publicados na área temática analisada. Foi professor na Universidade de Buenos Aires, entre outras universidades, além de professor emérito da Universidade

de San Andrés. O autor ocupa o décimo lugar no ranking de teóricos mais citados. Suas obras mais citadas são *El cuerpo de las imágenes* e *Fragmentos de um tecido*, ambas com três menções cada uma, e o texto *Il est là, je le vois, il me parle*, com duas menções.

O livro *El cuerpo de las imágenes* (2001) apresenta as pesquisas de Verón, tendo como foco principal a televisão enquanto um fenômeno social e cultural. O autor entende a TV como um espaço privilegiado da comunicação política, no qual se materializam os discursos que constroem vínculos entre os cidadãos e seus representantes. Na obra, Verón analisa um extenso material de uma videoteca feita ao longo de anos, procurando apreender as operações de funcionamento da televisão e tendo em vista o contexto político, social e cultural em que o material foi produzido e consumido.

Em *Fragmentos de um tecido* (2004), Verón aponta três questões que articulam a obra. A primeira versa sobre suas fontes e interlocutores, como Karl Marx, Claude Lévi-Strauss e Charles Peirce, desenvolvendo, assim, um tipo de “escopo intelectual” para uma teoria da produção de sentido. A segunda questão diz respeito à abordagem de materiais jornalísticos a partir dos quais o autor verifica a pertinência da análise do discurso para apreender a dimensão linguística desses textos. Por fim, Verón discute produções midiáticas sob o viés da teoria da enunciação, destacando procedimentos teóricos e metodológicos para o estudo da recepção.

O texto *Il est là, je le vois, il me parle* (1983) aborda o dispositivo de enunciação do jornal televisivo, que engloba tanto o enunciador (o apresentador de telejornais franceses) quanto os destinatários do enunciado produzido. O autor mostra como a “materialidade da máquina televisiva” coloca o apresentador (e a própria televisão) a serviço da comunicação interpessoal, criando uma conexão com o espectador.

LEITURA DOS AUTORES PELOS TEXTOS DO GT

FRANÇOIS JOST

No recorte da pesquisa, Jost (38 citações em 20 artigos) foi referenciado por 14 autores/as e coautores/as de nove diferentes instituições: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) (4); Universidade Federal da Bahia (UFBA) (3); Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) (2); Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

(Cefet-MG) (2); Universidade Católica de Brasília (UCB) (1); Universidade de Brasília (UnB) (1); Universidade Federal da Paraíba (UFPB) (1); Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (1); e Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) (1).

Seu conceito de promessa é colocado como fundamental para compreender a linguagem da televisão no que diz respeito à necessidade de entender e atender às expectativas do público. Os conceitos de televisão e gênero deste autor também são retomados em diferentes textos, assim como outros que compõem sua grade analítica - por exemplo, mundos televisivos e telerrealidade.

No âmbito da narratologia, há três artigos que referenciam o autor, sendo dois sobre a questão da autoria. Em um deles, é apropriada a tipificação de narradores que Jost (2004) usa para o cinema. No outro, é corroborada uma crítica do autor às tradições clássicas narratológica e semiológica, argumentando a necessidade, no que diz respeito à autoria, de considerar as equipes de produção/realização nas mídias audiovisuais.

A dimensão visual dos telejornais é, em menor escala, outro tema abordado pelos pesquisadores da área temática, bem como sua contribuição na construção de uma metodologia de análise de telejornais.

Dentre os 20 artigos que citam Jost, nove referenciam o autor apenas nas referências bibliográficas e suas várias obras citadas compõem a bibliografia dos artigos, mas não são sempre citadas diretamente no corpo do texto.

ARLINDO MACHADO

Machado (26 citações em 21 textos) é citado por 20 pesquisadores/as (entre autores/as e coautores/as), distribuídos entre 15 instituições⁴, dentre as quais cinco são representadas mais de uma vez: UFMG (3); USP (3); UnB (2); Universidade Federal do Amazonas (UFAM) (2); e Unisinos (2). Representadas apenas uma vez aparecem: Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF); UCB; UFBA; Universidade Federal Fluminense (UFF); Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); UFPB; Universidade Federal do Pernambuco (UFPE); UFSM; Universidade Estadual Paulista (Unesp); e Universidade Tuiuti do Paraná (UTP).

Podemos identificar dois eixos principais na maneira como o autor é citado. O primeiro seria um eixo conceitual, na fundamentação teórica de questões como programação,

qualidade ou diversidade televisiva; no tratamento de questões técnicas em torno das singularidades da imagem em vídeo ou fotográfica e da peculiaridade de seus processos de edição e montagem.

O segundo eixo seria metodológico, quando sua metodologia de análise televisiva é utilizada para tratar da inserção dos produtos televisivos em determinados gêneros ou formatos; das performances de atores televisivos, sobretudo no telejornalismo.

Em alguns artigos, a obra do autor é citada diretamente no corpo do texto, em outros, entra como parte da revisão bibliográfica ou apenas na bibliografia final. De todo modo, é possível perceber a afinidade entre os argumentos dos textos e o pensamento de Machado.

JESÚS MARTÍN-BARBERO

Martín-Barbero (25 citações em 18 artigos) é utilizado como aporte para os artigos de 20 pesquisadores/as de 14 instituições: Ufba (3); UFMG (3); UFSM (3); Universidade Anhembi Morumbi (UAM) (2); USP (2); CES-JF (1); PUC-SP (1); UCB (1); UFF (1); UFJF (1); UFRJ (1); UnB (1); Unisinos (1); e UTP (1)⁵.

De maneira geral, os/as pesquisadores/as brasileiros/as utilizam sua concepção de cultura como mediação do processo comunicativo de massa, valendo-se de seu desenho metodológico - o mapa das mediações -, focando em uma ou outra mediação ou eixo.

Além disso, eles/elas frequentemente recorrem à noção barberiana de gênero, numa perspectiva de diálogo com as características do público televisivo e com aspectos históricos e culturais da América Latina. Sem dúvida, Martín-Barbero contribui para a fundamentação desta área de estudo, trazendo uma grade teórica e metodológica para a análise da televisão e revelando sua natureza ambígua e paradoxal.

RAYMOND WILLIAMS

Como já mencionado, Raymond Williams (17 citações em dez artigos) é referenciado por oito autores/as de seis diferentes instituições: Ufba (3); UFPB (1); UFF (1); UFMG (1); Unisinos (1); e UTP (1).

Dois conceitos se destacam no resgate das contribuições de Williams pelos/as estudiosos/as de TV no Brasil: fluxo e gênero. O primeiro é acionado para apontar os limites de uma visão homogênea da TV, para ressaltar a dinâmica que confere particularidades aos gêneros televisivos e para defender seu potencial heurístico na compreensão da televisão como prática cultural.

O segundo conceito é retomado para discutir a natureza processual do gênero como prática cultural, tendo em vista a discussão de Williams sobre o dominante, o residual e o emergente; para refletir sobre o *infotainment* como um novo gênero televisivo; para pensar o seriado contemporâneo, como consequência da discussão sobre o drama realizada por Williams.

A abordagem cultural mais ampla proposta por Williams também merece destaque nos textos analisados para refletir sobre a historicidade dos produtos, para desenvolver a crítica televisiva, atendendo à ideia de TV como *forma cultural*, para situar o processo de desenvolvimento e institucionalização da televisão.

HENRY JENKINS

Henry Jenkins (13 citações em 11 artigos) foi referenciado por 12 pesquisadores/as de nove instituições: USP (3); UFMG (2); UFJF (2); UFSM (1); Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) (1); Unisinos (1); UnB (1); Universidade Federal do Ceará (UFC) (1); e UFPB (1).

Ainda que estudos do autor sobre comunidades de fãs e séries televisivas remetam à década de 1990, Jenkins não aparece como referência antes de 2011. Sua contribuição remete à perspectiva da convergência da televisão com a internet, especialmente com o desenvolvimento da chamada Web 2.0, fulcral à cultura participativa no sentido da convergência enfatizada por Jenkins.

O autor é comumente citado quando o tema são seriados televisivos e *fandoms*, e Jenkins é citado como autoridade na área, ou para apoiar alguma descrição genérica a respeito da relação entre séries e fãs, sem maior aprofundamento em sua obra. A mesma coisa acontece com a definição e as características do próprio conceito de convergência; em alguns casos, o autor é citado apenas no referencial bibliográfico, e a convergência aparece mais como um macrotema em relação aos temas e objetos abordados.

Por fim, algumas das pesquisas visam trabalhar questões mais metodológicas ligadas ao conceito de transmídia a partir das contribuições do autor - seja para tratar da recepção transmidiática da ficção televisiva, seja para analisar as narrativas construídas pelo jornalismo -, bem como o diálogo entre vários campos comunicacionais.

JASON MITTEL

Mittell (12 citações em dez artigos) é referenciado por oito⁶ pesquisadores/as de seis instituições diferentes: UAM (2); Ufba (2); UFMG (2); UFC (1); UFF (1); UFPB (1).

O autor é utilizado para falar sobre as marcas de gênero encontradas em textos televisivos, reiterando a perspectiva de que os gêneros são constantemente configurados e reconfigurados a partir de elementos textuais e contextuais. É neste sentido que gênero televisivo, conforme o autor, é tratado como *categoria cultural*.

Mittell também é convocado para fazer uma reflexão sobre a crítica televisiva, entendendo-a como uma *prática cultural dotada de valores* e até mesmo como um lugar metodológico. O “circuito da televisão” proposto pelo autor é discutido, em outro artigo, a partir de seis dimensões: a indústria comercial, a instituição democrática, a forma textual, a representação cultural, a prática cotidiana e o meio tecnológico. O autor é usado ainda para justificar a metodologia utilizada nos artigos, bem como para versar sobre o conceito de “gênero dominante”, em referência aos programas televisivos que seguem um padrão considerado rentável e de sucesso.

Por fim, os textos fazem referência a Mittell para explicar o conceito de complexidade narrativa, bem como para apontar seu uso pela televisão americana em determinadas séries que possuem um viés cômico, mas se “portam” como documentários, como *Modern family*, por exemplo. O mesmo conceito é convocado para mostrar evoluções e mudanças em programas e séries na televisão brasileira.

UMBERTO ECO

Umberto Eco (11 citações em nove artigos) é citado por 11 pesquisadores/as de sete instituições: USP (3); UFMG (3); UAM (1); UFBA (1); UFRJ (1); UFSM (1); e UFSC (1). Devido à sua vasta obra, a referência ao autor se dá a partir de textos diversificados, trabalhando, assim, ideias e conceitos também diversos.

Entre os conceitos de Eco que mais são acionados nos artigos estão os de *neotevê*, critérios de qualidade e validação da arte, espectador de segundo grau e mundo possível. Além disso, são abordadas as discussões do autor sobre a interpretação de textos e as mudanças na forma de se produzir e consumir conteúdos televisivos.

Os artigos que citam Eco tratam sobre performances e encenações televisivas, sobretudo no telejornalismo; análise da qualidade da produção brasileira de ficções televisivas; contrapontos entre o ficcional e o não ficcional na TV. O autor também é referenciado em discussões sobre novas formas de produção audiovisual, com destaque para processos de transmídia e conteúdos voltados para as redes sociais, como os produzidos para *vlogs* no YouTube. Um artigo ainda discute a dificuldade de apreender textos na internet por sua efemeridade e virtualidade, no sentido de que esse tipo de texto depende de um usuário para se realizar, como propõe Eco acerca do processo interpretativo, de forma mais ampla.

Por esse mapeamento, é possível perceber uma apropriação ampla dos textos e conceitos de Umberto Eco, variando entre menções pontuais e discussões mais estendidas sobre a adequação de seus conceitos aos temas abordados.

ALGIRDAS GREIMAS

Na área temática analisada, Greimas (dez citações em oito artigos) foi citado por três pesquisadoras que se inserem em cinco diferentes instituições: UFSM; Unisinos; e Universidade Sorbonne III (oito citações pela mesma pesquisadora); Unesp (duas citações de uma estudiosa); e UFPE (uma citação) - o que mostra a influência bastante localizada do autor nos estudos de TV analisados na pesquisa.

Dois artigos que referenciam Greimas mostram-se bastante dependentes de seus conceitos, tratando da semiótica do sensível e da semiótica discursiva. No primeiro, a semiótica do sensível é acionada para falar do apelo da televisão em relação aos sentidos do espectador, transferindo a primazia do sentido textual da televisão para o sentido experiencial proporcionado pelos programas de TV. No segundo, a semiótica discursiva traz o conceito greimasiano de narrativa, desenvolvendo a tese de que, devido ao acúmulo de funções que a TV estabeleceu para si, houve mudanças na estrutura narrativa de programas fictícios.

Nos demais artigos, Greimas é referenciado de forma mais pontual - como autor de referência, em epígrafes ou apenas nas referências bibliográficas.

JACQUES FONTANILLE

Jacques Fontanille (nove citações em nove artigos) é citado por três pesquisadores/as de quatro instituições: UFPE (1); Unesp (1); UFSM e Unisinos (mesma pesquisadora). Em oito artigos, ele aparece citado apenas como referência bibliográfica. O outro artigo traz uma epígrafe de Fontanille e Greimas. É possível notar que o autor serve como referência de pano de fundo, mas não é citado diretamente no corpo do texto de nenhum dos artigos.

ELISEO VERÓN

O autor (nove citações em sete artigos) é referenciado por oito pesquisadores de cinco instituições: UFMG (3); Cefet-MG (2); UFBA (1); UnB (1) e UFSM (1).

Em quatro textos, que discutem as interações entre produtos midiáticos e seus respectivos públicos, o papel promocional da televisão, a performance do apresentador de telejornal na construção do sentido de veracidade, Verón aparece apenas nas referências bibliográficas.

Nos outros três artigos, há referências mais diretas ao pensamento de Verón, tratando do testemunho de sujeitos comuns nas narrativas televisivas, discutindo o vínculo estabelecido pela TV com o espectador ou como apoio na construção de uma metodologia para analisar o conteúdo noticioso da TV.

REFLEXÕES FINAIS

Mapear a área de estudos de televisão no campo da comunicação no Brasil - objetivo deste texto - não é uma tarefa fácil, tampouco definitiva. A partir de uma análise de artigos apresentados sobre o tema no evento anual da Compós, em um período de dez anos (2006-2015), pudemos apreender algumas tendências nas pesquisas sobre TV que vêm sendo construídas em nosso país.

Dois eixos podem ser destacados: um primeiro aponta para perspectivas teóricas atentas à linguagem (autores como Eco, Greimas, Fontanille e Verón podem ser incluídos

nesse eixo); um segundo reúne abordagens preocupadas com a dimensão social da TV (Williams, Martín-Barbero e Mittel). Aqui, há uma preocupação de refletir sobre a TV como *forma cultural*, tal como proposto por Williams (2008). A abordagem de Jost procura conjugar esses dois eixos, ao utilizar a noção de gênero para apreender a “circulação dos textos ou dos programas audiovisuais no mundo midiático” (JOST, 2004, p. 27). Além disso, é possível perceber uma tentativa de situar esse meio no cenário de convergência das mídias (a partir das contribuições de Jenkins).

O que se mostrou mais evidente no conjunto de textos analisados é a centralidade da noção de gênero em várias pesquisas que acionam contribuições de Martín-Barbero, Mittel, Williams e Jost para refletir sobre a televisão. Além disso, estes autores se mostram como referência importante em diferentes instituições do país - o que mostra uma influência mais forte do que a exercida por Greimas e Fontanille, por exemplo, cujas referências foram bastante localizadas.

Destaca-se, ainda, a presença de apenas um autor brasileiro, Arlindo Machado, sendo que seu livro *A televisão levada a sério* (2000) é a obra mais citada do ranking. Ele é acionado tanto para pensar sobre a programação, a qualidade ou a diversidade televisiva, quanto para operacionalizar uma metodologia de análise da TV.

Essas são, assim, algumas das tendências encontradas na análise realizada pela pesquisa. Ainda que haja um esforço de pesquisadores/as na construção de pesquisas atentas tanto à significação da TV quanto à sua inserção histórico-social, os trabalhos analisados não se empenham em uma discussão mais aprofundada da especificidade do produto televisivo - suas peculiaridades, suas semelhanças e distinções em relação a outros produtos. Essa combinação de abordagens nos parece central para a consolidação dos estudos sobre televisão no campo da comunicação no Brasil.

REFERÊNCIAS

- COMPÓS, 15., 2006, Bauru. *Anais eletrônicos* [...]. Bauru: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2006. Disponível em: <<https://bit.ly/2wAXyqq>>. Acesso em: 20 ago. 2015.
- COMPÓS, 16., 2007, Curitiba. *Anais eletrônicos* [...]. Curitiba: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2007. Disponível em: <<https://bit.ly/2MttBU5>>. Acesso em: 20 ago. 2015.
- COMPÓS, 17., 2008, São Paulo. *Anais eletrônicos* [...]. São Paulo: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2008. Disponível em: <<https://bit.ly/2XrnH6Q>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

COMPÓS, 18., 2009, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos [...]**. Belo Horizonte: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/31bbohpc>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

COMPÓS, 19., 2010, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos [...]**. Rio de Janeiro: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2010. Disponível em: <<https://bit.ly/2Krn4qa>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

COMPÓS, 20., 2011, Porto Alegre. **Anais eletrônicos [...]**. Porto Alegre: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/2Wqg8kc>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

COMPÓS, 21., 2012, Juiz de Fora. **Anais eletrônicos [...]**. Juiz de Fora: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/318p2lk>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

COMPÓS, 22., 2013, Salvador. **Anais eletrônicos [...]**. Salvador: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/2IpCkkX>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

COMPÓS, 23., 2014, Belém. **Anais eletrônicos [...]**. Belém: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/2WfOgKL>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

COMPÓS, 24., 2015, Brasília, DF. **Anais eletrônicos [...]**. Brasília, DF: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2WLPJNu>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. A TV, a janela e a rua. *In*: FRANÇA, Vera Regina Veiga. **Narrativas televisivas: programas populares na TV**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 13-46.

FRANÇA, Vera Regina Veiga et al. Tendências das teorias da Comunicação: mapeamento de campos teóricos contemporâneos. **Questões Transversais**, São Leopoldo-RS, v.4 , n. 8, p. 57-67, 2016.

FRANÇA, Vera Regina Veiga et al. Comunicação e Política: mapeando autores/as e teorias mobilizados no Brasil. **Compólitica**, v. 8, n. 2, p. 5-40 , 2018.

FREIRE FILHO, João. Por uma nova agenda de investigação da história da TV no Brasil. **Contracampo**, Niterói, v. 10/11, p. 201-217, 2004.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

GREIMAS, A. J. **Sobre o sentido: ensaios semióticos**. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

JOST, François. **Seis lições sobre televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

_____. **La télévision du quotidien : entre réalité et fiction**. 2. ed. Bruxelles: De Boeck, 2003.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora Senac, 2000.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. *Os exercícios do ver*. São Paulo: Ed. Senac, 2001.

MATTOS, Sérgio. *Um perfil da TV brasileira: 40 anos de história - 1950/1990*. Salvador: Associação Brasileira de Agências de Propaganda, 1990.

MITTEL, Jason. Complexidade narrativa na televisão americana contemporânea. *Matrizes, São Paulo*, v. 5, n. 2, p. 29-52, 2012.

ROCHA, Simone Maria. Os estudos culturais e a análise cultural da televisão: considerações teórico-metodológicas. *Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, Santa Maria, v. 10, n. 19, 2011.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1981.

_____. Base e superestrutura na teoria da cultura marxista. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 14, p. 7-21, 2002.

_____. *Television: technology and cultural form*. London: Routledge, 1974.

_____. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

NOTAS

1. Projeto intitulado *As novas teorias da comunicação: mapeamento de um campo científico*; para maiores esclarecimentos sobre esta proposta, ver França et al, 2016. Agradecemos ao CNPq, à CAPES, à FAPEMIG e à PRPq/UFMG o apoio ao desenvolvimento de nossas pesquisas.
2. Um artigo sobre a área temática de Comunicação e Política já foi publicado - veja-se França et al, 2018.
3. Note-se no quadro que Umberto Eco e Algirdas Greimas estão empatados em *número de citações*. Nesses casos, o critério para desempate é o *número de artigos em que foram citados*. Os dois últimos autores do ranking, Jacques Fontanille e Eliseo Verón, empataram entre si e com Pierre Bourdieu e Yvana Fechine. Como havíamos definido um recorte com apenas dez autores/as mais citados, usamos o mesmo critério para sua classificação, deixando de fora Bourdieu e Fechine (cada um deles foi citado em apenas seis artigos, Fontanille e Verón em nove e sete artigos, respectivamente).
4. A soma do número de autores por instituição não é igual ao total de pesquisadores porque alguns pesquisadores transitaram entre duas instituições ao longo dos dez anos.
5. A soma do número de autores por instituição não é igual ao total de pesquisadores porque alguns pesquisadores transitaram entre duas instituições ao longo dos dez anos.
6. A soma do número de autores por instituição não é igual ao total de pesquisadores porque alguns pesquisadores transitaram entre duas instituições ao longo dos dez anos.

Artigo recebido em: 25 de setembro de 2018.

Artigo aceito em: 28 de maio de 2019.